

TRABALHO E SUBJETIVIDADE DOCENTE EM TEMPOS DE REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NA EDUCAÇÃO

Rosimê da Conceição Meguins

Universidade Federal do Pará

rosimeguins@uol.com.br

VeraLúcia Jacob Chaves

Universidade Federal do Pará

veraluciajacob@gmail.com

Introdução

Os períodos de crise têm sido usados pelo capital como possibilidade para buscar novas alternativas de exploração e obtenção de lucro. A pandemia de COVID-19, anos 2020 e 2021, é um desses momentos. Ela afetou a economia mundial e a saúde drasticamente, mas abriu caminhos em direção a novos campos que poderiam vir a ser lucrativos se explorados.

O Banco Mundial (2020) lançou o documento “Reimaginando as Conexões Humanas: Tecnologia e Inovação em Educação no Banco Mundial”, que expõe uma realidade educacional desigual, quanto ao acesso e benefícios a esse direito fundamental pela população. A saída proposta, tecnologia educacional – EdTech, seria a solução para esta crise educacional, sem nenhuma referência feita às causas do problema.

Os resultados do Ensino Remoto, usado de forma compulsória na pandemia, estão requerendo estudos para que se possa afirmar que esta é a alternativa a ser adotada nos tempos atuais. Compreender o que representa a revolução tecnológica educacional, as principais mudanças buscadas e os impactos decorrentes no trabalho e na subjetividade docente são os aspectos sobre o qual iremos nos deter.

Este ensaio apresenta algumas discussões sobre a revolução EdTech com objetivo de realizar uma análise crítica acerca de algumas posições teóricas sobre o tema. Trata-se de um diálogo feito com autores contemporâneos e clássicos que embasarão o debate de modo a revelar as concepções políticas e econômicas que

norteiam cada uma delas. A partir da perspectiva marxista autores como Safatle, Silva Junior & Dunke (2022), Neves et al (2022), Sagrado, Matta e Gil (2023), Adorno (2019), Freud (2011) e suas considerações acerca do capitalismo, na atual fase neoliberal, trabalho, tecnologia e subjetividade são alguns dos pontos que passamos a abordar.

O neoliberalismo como forma de vida

As sucessivas crises do capital têm sido capazes de revelar, a um só tempo, sua fragilidade e sua potência. Enquanto doutrina, o “novo liberalismo” que visava um alcance internacional traz consigo uma série de mudanças, mas mantém sua essência - a exploração do trabalho humano para obtenção do lucro.

Tal racionalidade se impôs com a competição para determinar a sobrevivência dos mais aptos, aqueles capazes de adaptação às sucessivas e necessárias mudanças operadas na incessante busca ao lucro.

O Estado deve submeter sua soberania para o alcance da governança, o que significa não adotar medidas que restrinjam a ação empresarial universalizada, nem criar proteção social aos indivíduos nesse modelo competitivo. Ao contrário, *entrepreneurship* (empreendedorismo) e *management* (gerenciamento) se constituem nas novas formas de ser e agir.

O sujeito como capital humano

Para situar nos sujeitos tais formas é fundamental apresentar a competição e a rivalidade como processos naturais na busca de seus propósitos, limitados apenas pela ação do Estado. Ação esta combatida pelo neoliberalismo.

O trabalhador, já transformado em mercadoria, sofre agora com a retirada de direitos decorrente de alterações estruturais nos processos de trabalho. Flexibilização, terceirização, uberização resultam em precarização aguda e expõem o medo social alcançado pela ausência de proteção e solidariedade coletiva. Medo que resulta da exposição aos riscos presentes, pelos quais assume total responsabilidade. Condição que o fragiliza e o submete a níveis mais elevados de exploração, pela exigência e comprometimento requeridos.

Tal condição apresenta indícios da linha que tangencia conflitos sociais e psíquicos. A racionalidade neoliberal, entretanto, atuará no sentido de apagar tal relação. Da mesma maneira como o trabalhador, exposto a riscos permanentes, passa a ser responsável pelos seus fracassos, assim também seu funcionamento psíquico receberá uma reformulação a-histórica.

O sofrimento é reduzido a sintomas, ansiedade e depressão, portanto, não é mais a cura que se busca, mas aprimoramento (*enhancement*) de si, ou seja, melhorar sua *performance* (Neves *et al.*, 2023, p.132). Os autores fazem uma discussão acerca da relação que se estabelece entre a psiquiatria biologizada, sob a égide do neoliberalismo, com a indústria farmacêutica e sua decorrente entrada no “novo mercado da *digital health* (Wyber *et al.*, 2015, Who, 2020) que oferece diversos serviços de cuidado, controle e, por que não, de superação de formas variadas de mal estar psicológico” (Neves *et al.*, 2023, p.157).

A Educação e EdTech.

A racionalidade neoliberal não conhece limites a sua expansão e encontra na tecnologia uma forte aliada. Ela serve para aprimoramento do neosujeito e ao ser aplicada à educação realiza a um só tempo, sua transformação em mercado promissor a ser explorado para maior obtenção de lucro e acrescenta valor ao capital humano, que é o alvo dessa iniciativa. Pelo menos esse é o produto oferecido. Para isso utilizam

imagens de jovens sorridentes de diferentes origens étnicas e culturais, bem como famílias heterossexuais felizes, com textos sempre muito positivos e depoimentos de usuários e especialistas, destacando valores supostamente universalizáveis do mainstreaming neoliberal como equidade, inclusão e diversidade (Sagrado, Matta e Gill, 2023)

Eles evidenciam que a propaganda utilizada busca adesão pela sedução da oferta de serviços educacionais que promovam a personalização das trajetórias de aprendizagem. A proposta é a oferta de “serviços educacionais sob medida para que cada aluno consumidor possa alcançar uma *experiência de aprendizagem adaptativa (adaptive learning)*” (Sagrado, Matta e Gill, 2023) com uso de algoritmos, garimpagem de dados, análise de aprendizado e inteligência artificial. O argumento sustenta a ruptura com o ensino tradicional e o modelo de salas de aula, pela aquisição de valores e habilidades necessárias ao século XXI.

Dentre as *Big Techs* (gigantes tecnológicas) estão as americanas, *Alphabeth, Amazon, Aplle, Meta e Microsoft*; e as chinesas *Alibaba, Baidu, Huawey e Tencent* que monopolizam os serviços educacionais (Saura,2023:3 et allapud Sagrado, Matta e Gil, 2023). Os investimentos alcançam patamar de milhões de dólares, enquanto os lucros obtidos são mais elevados, como da indiana *Biju's* cujo patrimônio supera 10 trilhões de dólares.

Às dimensões do avanço das *EdTechs* corresponde o impacto promovido na educação e no trabalho docente decorrentes. Trata-se do aprofundamento daquilo que Adorno (1985) denominou de logro, a troca injusta promovida pela Indústria Cultural e por Freud (ANO) sobre processo civilizatório. A personalização não passa de consumo de nossa objetificação.

Trabalho e Subjetividade Docente.

Marx (2007) revela como a classe dominante produz suas ideias de modo a regular e distribui seus ideais como dominantes em cada época, para assim manter seu domínio.

Estudos evidenciam que a invasão das tecnologias digitais e a incorporação de plataformas no campo educacional solapam o fazer docente, alteram seu papel e sua autonomia: “Por meio de todas essas mudanças, está sendo gerada a expressão máxima da subjetividade neoliberal digitalizada. O professor que se acredita livre se auto explora e se autocontrola sem as limitações do plano digital” (Saura et all, 2023:28 apud Sagrado, Matta e Gil, 2023)

Mudanças que deslocam o eixo central ocupado pelo docente, para uma atuação secundária de auxiliar do novo processo de socialização desumanizada, sob o argumento de superar o modelo ultrapassado.

Conclusão

A densidade das questões aqui indicadas exige estudos com envergadura capaz de, não só revelar seus malefícios, mas de causar ruptura com essa racionalidade. Sabemos que as condições objetivas dificultam a percepção da contradição uma vez que as idéias dominantes são produzidas pela classe que gera tal expropriação. Mas a realidade, enquanto tal, não deixa de existir e aí reside a contradição.

Se para sobreviver, o indivíduo precisa desaparecer, transformando, ele mesmo, em mercadoria. E se é a vida quem determina a consciência e não a consciência que determina a vida, como Marx postulou, então é inadiável restaurar no sujeito sua autonomia, na concepção kantiana, pelo poder da reflexão, da autodeterminação e da não participação. Possibilidade presente na contradição que a própria ideologia utiliza para negar a realidade e o sujeito, mas que não impede de continuar a existir e ser revelada.

Referências

- ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- Banco Mundial. **Reimaginando as Conexões Humanas: Tecnologia e Inovação em Educação no Banco Mundial**. Banco Mundial: Washington, DC, 2020
- FREUD, S. **Mal estar na civilização**. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2011
- MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NEVES, A *et al.* **A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si**. IN: Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (org.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- SAGRADO, A.L.; MATTA, A.A.; GILL, E. P. **BigTechs e educação: o fim do professor?** Outras Palavras, 26.07.2023.
<https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/bigtechs-e-educacao-o-fim-do-professor/>
- SAURA, G.; CANCELA, E.; y PARCERISA, L. **“Privatización educativa digital. Profesorado”**, Revista De Currículum y Formación Del Profesorado, vol. 27, núm. 1, pp. 11–37, 2023. <https://doi.org/10.30827/profesorado.v27i1.27019>